

MURO DAS PALPITAÇÕES: UM MANIFESTO DE MÃES NA UNIVERSIDADE

REGIANY ALVES CARVALHO¹
DANIELA FRANCO CARVALHO²

RESUMO

Muro das palpitações é um manifesto sobre as barreiras que surgem cotidianamente na vida das mulheres no ambiente acadêmico, em decorrência da maternidade. Buscamos, com base metodológica na pesquisa narrativa, compreender suas trajetórias na universidade. A narrativa de cada mulher ilustra as vivências nesse meio como mães e as dificuldades durante o percurso para que se mantivessem no curso que escolheram. O potencial dos depoimentos dessas mulheres permitiu reflexões teóricas com Leontiev e Angela Davis que culminaram na composição de uma carta manifesto, com narrativas minhas e de cada uma das Maria's.

PALAVRAS-CHAVE

Mães; Universidade; Manifesto; Narrativa.

WALL OF PALPITATIONS: A MANIFESTO OF MOTHERS AT UNIVERSITY

ABSTRACT

Wall of palpitations is a manifesto in order to reflect the barriers that arise daily in the lives of women in the academic environment as a result of motherhood. With a methodological basis in narrative research, we seek to understand their trajectories in academia. The narrative of each one illustrates the experiences in this environment as mothers, as well as their greatest difficulties during the journey to remain in the course. The potential of these women's testimonies allowed reflections on the encounter between Leontiev and Angela Davis. In addition, the reports culminated in the composition of a Manifest Letter, with narratives from me and each of the Marys.

KEYWORDS

Mothers; University; Manifesto; Narrative.

MUR DES PALPITATIONS: UN MANIFESTE DES MÈRES À L'UNIVERSITÉ

RÉSUMÉ

Wall of Palpitations est un manifeste sur les barrières qui surgissent quotidiennement dans la vie des femmes dans le milieu universitaire, en raison de la maternité. Nous cherchons, à partir de recherches narratives méthodologiques, à comprendre leurs trajectoires universitaires. Le récit de chacune illustre leurs expériences dans cet environnement en tant que mères, ainsi que leurs plus grandes difficultés tout au long du cheminement pour maintenir le cap qu'elles ont choisi. Le potentiel des témoignages de ces femmes a permis des réflexions théoriques avec Leontiev et Angela Davis qui ont abouti à la composition d'une lettre manifeste, avec des récits de moi et de chacune des Maria.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: regianycarvalhobio@gmail.com.

² Professora do Instituto de Biologia da UFU e colaboradora do Grupo FORMAR-Ciências da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: danielafranco@ufu.br.

MOTS-CLÉS

Mères; Université; Manifeste; Narratif.

MURO DE PALPITACIONES: MANIFIESTO DE LAS MADRES EN LA UNIVERSIDAD

RESUMEN

Muro de las palpitations es un manifiesto sobre las barreras que surgen cotidianamente en la vida de las mujeres en el ámbito académico, como consecuencia de la maternidad. Buscamos, a partir de una investigación narrativa metodológica, comprender sus trayectorias en la universidad. El relato de cada una ilustra las vivencias en ese entorno como madres, así como sus mayores dificultades en el camino para permanecer en el rumbo que eligieron. El potencial de los testimonios de estas mujeres permitió reflexiones teóricas con Leontiev y Angela Davis que culminaron en la redacción de una carta manifiesto, con mis relatos y los de cada una de las Marías.

PALABRAS CLAVE

Madres; Universidad; Manifiesto; Narrativa.

INTRODUÇÃO

Muro das palpitações é uma alusão às barreiras que surgem a todo momento na vida das mulheres. A palavra “palpite” é um substantivo masculino referente à palpitação, e um de seus significados remete à opinião e sugestão de intrometido. Assim, esse título é um manifesto contra todos os palpites que a sociedade impõe na vida de nós, mulheres, com o intuito de limitar nossa liberdade e frustrar sonhos.

Assim, nessa pesquisa, usamos o termo “muro das palpitações” para elucidar as barreiras que a sociedade impõe para as mulheres mães, no sentido de uma barreira (muro) que se constrói no cotidiano de nossas vidas, seja ela por discriminação no meio acadêmico ou pelo descumprimento nas legislações referentes aos nossos direitos conquistados através de muitas lutas e reivindicações.

Ser mulher em nossa sociedade nunca foi fácil. Vários fatores contribuíram e contribuem para que sejamos julgadas e moldadas a todo instante. Gerar uma vida é um momento ímpar e especial, porém, a mulher é cercada por um muro de palpitações constantes, constituído por preconceitos e ofensas disfarçadas de conselhos e boas intenções. Essa modelação em relação a nós, mulheres, surge de um ideal de perfeição ditado socialmente, em relação aos nossos corpos, comportamentos ou desejos.

A maternidade passa por um processo de padronização para ser socialmente aceita, o requerendo um relacionamento sério, de preferência oficializado em cartório; um casal heterossexual com idades semelhantes ou que a mulher seja mais jovem que o parceiro; e mulher com idade entre os 25–35 anos, já que ela não deve ser nem muito jovem, nem ter uma idade mais avançada. Espera-se que a mulher esteja formada ou tenha uma profissão bem estabelecida, ou que seja casada com um companheiro que atenda a essas expectativas. Esses requisitos não estão escritos em nenhum documento ou artigo científico, mas estão entranhados no cotidiano de todas nós: mulheres em frente ao muro, que correm o risco de ficar paradas, sem tentar ultrapassá-lo.

Há quem diga que nossa sociedade evoluiu, que esse muro não existe mais e que tudo mudou, seja no mercado de trabalho ou no ambiente familiar. Mas, de tempos em tempos, acabamos nos deparando com esse muro de palpitações. A base de construção desse muro é o machismo; já as estruturas metálicas que dão sustentação são o preconceito. Os tijolos que dão forma e altura são a sociedade patriarcal, e o que dá sua proteção e liga é o cimento, representado por todo julgamento disfarçado de bons conselhos.

MÃES NA UNIVERSIDADE

Embora a temática da gravidez na adolescência seja abordada nas mídias em algumas esferas, a trajetória das mães na universidade é um assunto pouco divulgado. Com

políticas públicas insuficientes, muitas mães não têm outra opção a não ser levar seus filhos para a sala de aula. Além do desgaste e cansaço dessas mulheres, a problemática se intensifica pelo fato da sociedade não aceitar as crianças em ambientes educacionais, como é o caso das universidades.

A lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, atribuiu à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares que foi instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá os seguintes direitos:

Art. 1º A partir do oitavo mês de gestação e durante três meses, a estudante em estado de gravidez ficará assistida pelo regime de exercícios domiciliares, instituído pelo Decreto-lei número 1.044, 21 de outubro de 1969. Parágrafo único. O início e o fim do período em que é permitido o afastamento serão determinados por atestado médico a ser apresentado à direção da escola. Art. 2º Em casos excepcionais devidamente comprovados mediante atestado médico, poderá ser aumentado o período de repouso, antes e depois do parto. Parágrafo único. Em qualquer caso, é assegurado às estudantes em estado de gravidez o direito à prestação dos exames finais (Brasil, 1975, p. 1).

Mais de quarenta anos após a promulgação dessa lei, a portaria nº 248, de 11 de dezembro de 2011, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), concedeu licença-maternidade em sua regulamentação, na qual garante o direito de prorrogação da bolsa no período de quatro meses em caso de licença maternidade para bolsistas na pós-graduação, bem como nos programas de formação de professores. A Capes, em um levantamento feito em janeiro de 2019, constatou que, do total de 201.449 bolsistas, 122.103 eram mulheres. Nesse sentido,

Art. 1º Os prazos regulamentares máximos de vigência das bolsas de estudo no país e no exterior, iguais ou superiores a vinte e quatro meses, destinadas à titulação de mestres e doutores, poderão ser prorrogados por até quatro meses, se comprovado o afastamento temporário das atividades da bolsista, provocado pela ocorrência de parto durante o período de vigência da respectiva bolsa (Capes, 2011, n.p).

Nesse sentido, outro movimento foi o lançamento de uma aba na plataforma do Currículo *Lattes* que indica períodos de licença maternidade e paternidade. A novidade foi anunciada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) em abril de 2019. O pedido de inclusão do dado partiu do movimento *Parent in Science*³, em 2017, por meio de uma carta de um grupo de mulheres pesquisadoras. O documento reivindicava maior igualdade de acesso a bolsas e financiamentos científicos no Brasil. Em um estudo realizado por esse grupo, há a análise do resultado do impacto da maternidade na

³ Pensando nas mães que aliam a carreira acadêmica com a maternidade e na necessidade de lutar pelos direitos dessas mulheres, nasceu o projeto "*Parent in Science*", uma iniciativa da pesquisadora Fernanda Staniscuaski, do Rio Grande do Sul. O objetivo do movimento é fortalecer os direitos das mulheres e evitar comparações com homens, que são aqueles vistos como os que mais produzem.

produção de mães da área acadêmica⁴. A pesquisa aponta que cerca de 80% delas afirmaram que ter um filho impactou suas carreiras de trabalho.

O ingresso e a permanência na universidade após o nascimento dos filhos geram à mulher diversas situações constrangedoras que dificultam sua participação em eventos, congressos científicos ou até mesmo assistir às aulas, podendo, conseqüentemente, trazer impedimentos para a conclusão do curso.

A cena de acolhimento de um professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com a filha de uma aluna demonstra como é raro ter um profissional compreensivo e afetuoso com as necessidades rotineiras de uma mãe que necessita levar sua filha para assistir às aulas. A foto, originalmente publicada no *Instagram*⁵, teve diversas curtidas e comentários de admiração, o que nos faz refletir como essa atitude é escassa no meio acadêmico. O fato é que não existe espaço cedido com uma estrutura de apoio nas universidades, juntamente com o agravante da não aceitação para que se leve a criança para a sala de aula. Qual é o espaço das mães na universidade?

Tauane Paula Gehm, psicóloga, mestre e doutora pela Universidade de São Paulo (USP), teve a iniciativa, junto ao grupo Cajuína⁶, de elaborar uma carta aberta à comunidade científica, com pedido para que os congressos incluam também profissionais que são mães juntas aos seus bebês. Esse manifesto surgiu em 2019, após a pesquisadora não poder se inscrever em um encontro de psicologia que, mesmo levantando a temática feminista, negou a possibilidade de que ela levasse seu filho pequeno para o evento.

A carta⁷ em questão aborda temas culturais relacionados à maternidade no que tange à forma como essas mães são recepcionadas no meio científico e acadêmico, e como isso interfere negativamente em suas vidas profissionais.

Nós queremos dar a nossa contribuição sobre um aspecto que nos é muito caro: a maternidade — mais especificamente, a participação de mães em congressos e eventos científicos. É difícil explicar, entender e pensar o que mães precisam para serem incluídas em situações como os congressos. E, sendo mães é difícil termos tempo até de contar para os outros quais são as nossas necessidades, mas precisamos falar! Nesta carta, apresentaremos algumas demandas que, mesmo simples diante da complexidade de se organizar um congresso, servem para que essas necessidades

⁴ Ver: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/11/13/cientistas-mulheres-pedem-inclusao-de-periodo-de-licenca-maternidade-no-curriculo-lattes.qhtml>. Acesso em: 24 mar. 2022.

⁵ Registro feito pela mãe Thamires Reis do acolhimento de um professor da Universidade Federal de Uberlândia com sua filha, divulgado no Instagram em: <https://www.instagram.com/p/ByJq0DvlcpK/?igshid=emyc0jnt4o5e>. Acesso em: 24 mar. 2022.

⁶ Observatório Cajuína — Mulheres, ciência e comportamento é um coletivo de mulheres (algumas mães e outras não) criado com o intuito de refletir sobre a experiência de ser mulher.

⁷ Disponível em: <https://observatoriocajuina.wixsite.com/cajuina/post/carta-aberta-%C3%A0-comunidade-cient%C3%ADfica-como-incluir-m%C3%A3es-nos-congressos>. Acesso em: 29 Agost. 2024.

sejam satisfeitas e, assim, mães possam se sentir acolhidas novamente na comunidade (Cajuína 2019).

O fator de julgamento é citado na carta, visto que a não aceitação de crianças em um evento científico está automaticamente excluindo mães que, por algum motivo, não podem deixar seus filhos, seja por demanda da amamentação ou ausência de rede de apoio, bem como crianças que não conseguem ficar com outras pessoas por muito tempo. O documento também solicita estruturas mínimas durante esses eventos, como aceitação de bebês e crianças em sala de aula; sala para ordenha e amamentação, de preferência frequentado apenas por mulheres; livre acesso aos locais do evento, sem custo adicional, para um(a) acompanhante que seja da família do bebê ou funcionário(a) da família; garantia de livre amamentação em todos os locais do evento; diretrizes claras sobre qual será a estrutura disponível durante o evento.

Esse enfrentamento pela causa das mães, que desperta em diferentes universidades e grupos de pesquisa, demonstra a luta pelos direitos das mulheres que sofrem diariamente com situações de constrangimento e preconceito. A luta vai além de leis e estruturas físicas, mas fala também de respeito e aceitação nos espaços que, apesar de serem frequentados por mulheres, continuam fazendo-as conviver com os ruídos das palpitações.

A PESQUISA

Nessa pesquisa, buscamos compreender a trajetória de mães no meio acadêmico, a partir das narrativas de alunas universitárias. Escolhemos a pesquisa narrativa como base metodológica devido à minha história de vida, na qual a narrativa me permite a compreensão da complexidade das experiências vividas em torno da maternidade e das vivências no meio acadêmico, dando sentido a elas. Para Clandinin e Connelly (2011, p. 49), a “experiência acontece narrativamente.

Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa”. O conceito de experiência, de John Dewey, utilizado por esses autores, é considerado o arcabouço da investigação narrativa marcada pela tridimensionalidade entre situação, continuidade e interação da história vivida (Clandinin; Connelly, 2011, p. 84).

“Uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18).

Considera-se situação a paisagem de pesquisa ou a noção de lugar onde a experiência ocorre, ocorreu ou ocorrerá. Essa temporalidade é o conceito da continuidade como interação, e são fatores pessoais e sociais que a experiência apresenta (Clandinin; Connelly, 2011, p. 85). Para esses autores,

Utilizando esse conjunto de termos, qualquer investigação em particular é definida por esse espaço tridimensional: os estudos têm dimensões que abordam assuntos temporais; focam no pessoal e no social em um balanço adequado para a investigação; e ocorrem em lugares específicos ou sequências de lugares (Clandinin; Connelly, 2011, p. 85).

Experenciar o entremeio dessa tridimensionalidade prospectiva e retrospectivamente no tempo, e introspectiva e extrospectivamente em si mesmo, permite ao pesquisador se posicionar no centro do campo de pesquisa e reconhecer que essa centralidade de quem compõe narrativas próprias, introdutórias e as leva a campo, é central para a pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2011).

“Como fazer” pode ser considerado mais relevante no contexto da pesquisa narrativa do que o próprio conceito de método. Clandinin e Connelly (2011) apresentam o capítulo “O que fazem os pesquisadores narrativos”, no qual apontam que os pesquisadores narrativos delineiam possíveis encontros e ligações entre as tantas e multifacetadas narrativas presentes no campo de pesquisa. Para esses autores,

A pesquisa narrativa, desse ponto de vista, é uma tentativa de fazer sentido da vida como vivida. Para começar, ela tenta descobrir aquilo que é tomado por certo. E quando esses aspectos também começam a ser tomados por certos pelo pesquisador, então o pesquisador pode começar a participar e ver as coisas que funcionaram, por exemplo, na enfermaria do hospital, na sala de aula, na organização (Clandinin; Connelly, 2011, p. 116).

Para tanto, o pesquisador narrativo registra ações e afazeres, além de simples acontecimentos e outras expressões narrativas, e “isso é o objeto da pesquisa narrativa para o pesquisador preocupado com o distanciamento e a intimidade na pesquisa” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 117). Ou seja, o trajeto da pesquisa narrativa está na vivência de diversas experiências de uma paisagem, que proporciona um processo reflexivo de aprendizagem baseado em recolher tais expressões narrativas em forma de textos de campo e recontá-las em uma pesquisa.

Por isso, trabalhar com narrativas na pesquisa exige uma relação dialógica de dupla descoberta entre pesquisador e objeto de estudo, na mesma proporção em que existe uma relação dialética entre narrativa e experiência (Cunha, 1997), sendo que, a partir da sensibilização dessa dialética, criam-se textos de campo.

Os textos de campo são como “representações construídas da experiência”, o que, em um contexto de pesquisa narrativa, assume a fluidez de uma arqueologia da memória e do significado (Clandinin; Connelly, 2011). Para Clandinin e Connelly (2011), o processo de compor textos de campo é interpretativo e seletivo, uma vez que estes são a “nossa forma de falar sobre o que é considerado como dados na pesquisa narrativa” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 134). Considerando a interpretação e a seletividade para criação de textos de campos, coloca-se:

É importante que os pesquisadores narrativos encaminhem essas questões sobre como seus textos de campo estão posicionados, porque suas posições têm consequências para o *status* epistemológico dos textos e, finalmente, os textos de pesquisa que derivam deles (Clandinin; Connelly, 2011, p. 161).

Essas composições podem ser derivadas de inúmeros tipos de artefatos pessoais, familiares ou sociais do objeto de pesquisa e, por isso, Clandinin e Connelly (2011, p. 160) aconselham pesquisadores narrativos a “estarem abertos para as possibilidades imaginativas para compor textos de campo”. Os autores também falam sobre “as outras coisas que se encontram no meio de outras” (2011, p. 158), as quais chamam de “caixas de memórias”, que são coleções de itens que acionam memórias de momentos importantes. “São esses artefatos, coletados em nossas vidas, que fornecem uma fonte rica de memórias. Observar esses documentos em um contexto de pesquisa narrativa constitui algo que se pode chamar de uma arqueologia da memória e do significado” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 158).

Pela minha vivência na universidade, tive contato com jovens mulheres, na faixa de 20 e 28 anos, que ingressaram nessa mesma universidade e em outras universidades públicas como discentes, já sendo mães ou que vieram a ser durante a graduação ou pós-graduação. Elas foram notificadas pelas redes sociais sobre a pesquisa e se disponibilizaram a enviar relatos sobre a trajetória acadêmica vivida. Alguns questionamentos foram colocados como sugestão para a configuração da narrativa de cada uma, dentre eles: como foi sua trajetória escolar/acadêmica sendo mãe? Quais foram suas maiores dificuldades durante o percurso para se manter no curso?

Você tinha conhecimento de todas as leis sobre a maternidade que a escola/universidade tinham em seus regimentos para te auxiliar? Sofreu/Sofre algum preconceito ou discriminação por ser mãe por parte de professores ou colegas de curso? Como conseguiu superar tudo e permanecer na universidade, apesar de todas as dificuldades? De onde vem essa força, essa garra e gana?

O perfil socioeconômico dessas mulheres mães se assemelham. Todas as entrevistadas não possuíam uma renda que garantisse a contratação de uma rede de apoio remunerada (babás), o que dificultava suas jornadas acadêmicas, já que sempre dependiam da ajuda de alguém da família para ficarem com seus filhos e, em algumas situações, precisavam levar as crianças para a faculdade. Entendemos que a maternidade não é vivenciada por todas as mulheres da mesma forma, visto que fatores econômicos, sociais e culturais as fazem vivenciá-la de diferentes formas:

abordamos a maternidade como um fenômeno social marcado pelas desigualdades sociais, raciais/étnicas, e pela questão de gênero que lhe é subjacente. Decorre disto que as mudanças e implicações sociais da realização dessa experiência não atingem da mesma forma todas as mulheres, países e culturas, apesar de existir um modelo de maternidade preponderante nas sociedades ocidentais contemporâneas, que tem como características gerais proles reduzidas e mães que trabalham fora (Scavone, 2001, p. 48).

Assim a experiência e/ou fenômeno da maternidade é atravessada pelo gênero, classe social, cultura e pertencimento étnico-racial. Nessa perspectiva, múltiplas e distintas realidades são produzidas e vividas. Muitas, porém, são invisibilizadas ou apagadas dos textos e narrativas históricas e educacionais. A invisibilidade das experiências maternas e das maternidades, especialmente de algumas, são construções históricas e políticas.

A partir dos relatos recebidos, elaboramos a construção de uma carta manifesto, na qual as vozes das mulheres se misturam a minha escrita, com o propósito de reivindicar nossos direitos a partir de situações vivenciadas pelas mulheres mães. A seção intitulada “Manifesto Mães na Universidade” apresenta as narrativas das mães com as quais conversamos durante a pesquisa. Suas falas, na íntegra, serão apresentadas em itálico e com recuo, para melhor visualizá-las.

MANIFESTO MÃES NA UNIVERSIDADE

Estamos em todos os lugares, mas os olhares que nos cercam, muitas vezes, travam nossos sorrisos, dificultam nossa caminhada e emparedam nossa visão.

Você tem um futuro brilhante pela frente, essa gravidez vai te atrapalhar, te aconselho a abortar!

Em relação ao preconceito, me lembro de um episódio que um professor, ao voltar de uma greve, disse que eu aproveitei para arrumar um bebê.

Agora que vai ser mãe, você vai parar de estudar?

Não caminhamos mais sozinhas, não pensamos no singular, pois nossos corações e responsabilidades se multiplicaram. Nossa batalha é diária e composta por um peso dobrado em comparação aos demais. Esse peso não são nossos filhos, mas sim alguns tijolos que tentam cercar nosso progresso. Queremos respeito, dignidade, acessibilidade, e que a nossa entrada e permanência na universidade sejam garantidas.

Mas a verdade é que o preconceito está tanto nos professores, quanto nos colegas de turma. Tenho a sensação de que essas pessoas nos enxergam como coitadas que nunca terão a capacidade de seguir a carreira acadêmica ou serem professoras de uma universidade, por exemplo. Sinto que temos que provar, a todo o momento, que somos capazes.

Um bebezinho para cuidar é muito puxado, tinha que acordar muito cedo para deixá-lo na casa de algum parente, até que chegasse à idade de ir para creche.

Não existe apoio nenhum para quem é mãe dentro da Universidade. Sinto que é um espaço que não é para as mães. Até entre as mulheres mães professoras e alunas, eu sinto um afastamento. Como se a aluna mãe fosse menos capaz.

Esses tijolos que nos são lançados disfarçados de bons conselhos são, na verdade, preconceitos e palpites que a todo momento tentam nos limitar e ousam até nos dizer onde podemos ir, como podemos e até quando. Uma culpa nos é imposta a todo o instante. Sim, somos culpadas por lutar por nosso espaço e por enfrentar nossos medos, mas, se desistirmos dessa batalha, também seremos culpadas. Nossa culpabilidade é constante e

incessante, pois é fruto de sementes cultivadas e semeadas há muito tempo. Ela está enraizada em nossa sociedade e não será tão fácil deixar de existir.

Quando eu voltei para a faculdade, me sentia muito mal com alguns comentários de alguns colegas me criticando por ter engravidado antes de formar, me dizendo que eu não conseguiria concluir o curso, pois, com filho, tudo se torna mais difícil. Nossa, como consegue deixar seu filho pequeno para estudar? Escutei muitos comentários desagradáveis sobre o meu corpo.

Mas percebemos que não podemos parar e muito menos nos calarmos. Nossas vozes ecoam e respondem a cada tijolo lançado. As respostas em forma de resistência estão espalhadas por toda a universidade, mesmo não tendo estrutura para nos receber, mesmo que nossos filhos não caibam nas salas de aula, mesmo que olhares aborrecidos nos cerquem a cada choro ou brincadeira de criança. Resistimos! Queremos que nossos direitos já conquistados sejam respeitados e garantidos, para que novas possibilidades possam vir, como a instalação de estruturas físicas: banheiros com trocadores, sala de descanso/amamentação e espaço kids.

A universidade não apresenta nenhuma estrutura para acolher crianças, banheiros sem trocadores. Não existe uma sala em que você possa esquentar uma mamadeira, descansar com seu filho, que seja por meia hora. Infelizmente, não tinha nenhuma ajuda de quem pudesse ficar com meu filho, e tinha que submetê-lo àquele ambiente frio e cansativo. Na pós-graduação, não foi diferente, pois percebia muito olhares incomodados em relação a mim, pois tinha que levar meu filho, na época, com dois anos de idade. Após o parto, os professores ficaram "meio assim" e eu consegui fazer algumas provas na minha casa, pois sabia de alguns direitos sim sobre a maternidade, mas não são todos os professores que estão a fim, sabe?!

Nossa força vem de não nos deixarmos vencer pelas dores diárias que nos afetam e, assim, resistimos, engolimos o choro e buscamos a superação, mesmo com as dores que dilaceram nossa alma. Ao mesmo tempo em que somos alvos destacados, somos também esquecidas e ignoradas e, a todo o momento, nos deixam claro que nosso lugar não é aqui. Caros professores, servidores e colegas, cessem comentários negativos e desnecessários, substitua-os por ajuda, empatia e respeito!

Na época, com a cabeça transtornada, nem pensei em entrar com licença-maternidade na universidade. Na verdade, eu nem sabia que existia essa possibilidade para me auxiliar. Mas eu considero que é extremamente desgastante essa necessidade de termos que provar sempre o nosso valor.

Nosso lugar é onde desejamos estar e pagamos o preço diariamente, mesmo que alto, porque nossos sonhos não têm limites e nem valor acessível à régua que vocês nos medem. Nossos sonhos e lutas são plurais. Nossa força cresce junto com os nossos filhos.

Com todas as dificuldades, levantei a cabeça e consegui me formar, e quem mais me dava forças para seguir em frente era meu filho. Todas às vezes que eu olhava para ele, eu pensava que todo meu esforço valeria a pena para que eu pudesse dar o melhor para ele. Consegui terminar minha graduação com louvor, minha dissertação teve nota noventa e oito. Mas foi também o que me deu força para não desistir para tentar dar um futuro melhor ao meu filho.

O que me motivou terminar o curso foi muita força de vontade mesmo, pois ajuda na faculdade não tive, agradeço muito minha família que ficava com minha filha, para que eu frequentasse as aulas.

Com esse manifesto, queremos mudanças estruturais e ideológicas com respeito à nossa jornada universitária, a fim de que nossos sonhos não sejam minados com preconceitos e atitudes egoístas. Não queremos facilidade em nossa formação, mas sim acessibilidade e garantia de direitos que nos amparem.

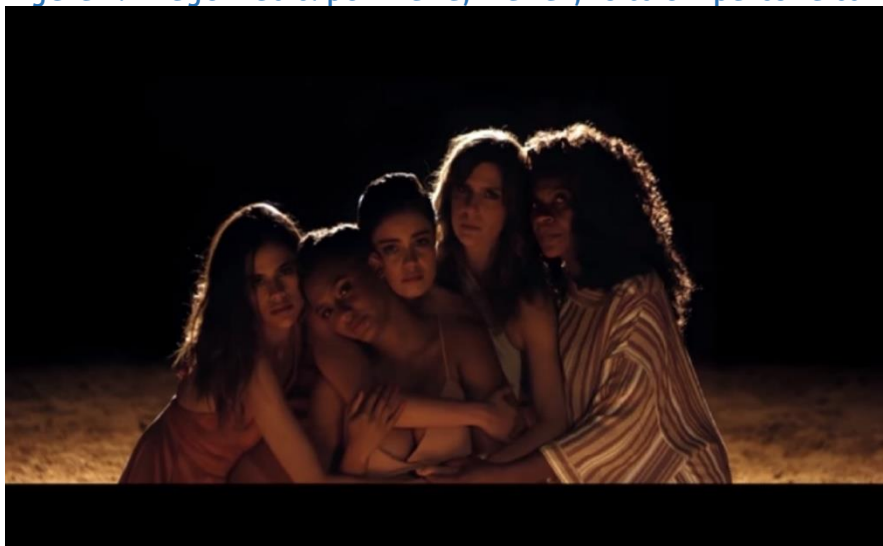
A FORÇA DAS MARIAS

Maria, Maria
É um dom, uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta
Maria, Maria
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que ri
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida
Mas é preciso ter força
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca
Maria, Maria
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida [...]
(Maria, Maria – Milton Nascimento)

A letra da música “Maria, Maria”, de Milton Nascimento, traz com muita emoção a força das Marias que enfrentam cotidianamente diversos desafios e vivem a transbordar a felicidade e força de vencer em meio a tantas dores e dificuldades. Composta há 40 anos, ganhou, pela primeira vez, um clipe, no qual Milton fala de sua origem:

A história da Maria quem me contou foi o Fernando Brant. Milton Nascimento ficou com isso na cabeça, depois que ele descreveu a Maria que ele conheceu. Ela morava na beira dos trilhos, em Minas Gerais, criava seus filhos sozinha e passava muita dificuldade. E mesmo com tanto sacrifício, ela fazia de tudo para manter os filhos na escola. Ela era um exemplo, uma aula mesmo, sabe? Uma aula de vida. E foi isso que inspirou a gente. (Letras, 2021).

Figura 1. Imagem do clipe “Maria, Maria”, feito em parceria com Fernando Brant



Fonte: Milton Nascimento (2018)⁸. #PraTodoMundoVer: cinco mulheres abraçadas, em um local escuro que no clipe dançam juntas mostrando a força das mulheres.

Assim, inspirados na composição “Maria, Maria” de Milton Nascimento, nomearemos as nossas interlocutoras como “Marias”, visto que a letra da música vem ao encontro da luta dessas mulheres nas universidades. Mesmo com tantos obstáculos, elas insistem em conquistar seus espaços, lutam, resistem, superam e vencem. Em sintonia com a letra da música, indagamos: mas de onde vem essa garra? Essa gana? Onde buscam essa resiliência em superar as adversidades?

Leontiev (1978, p. 63) nos explica que o sujeito, ao se apropriar do objeto em sua atividade, transforma suas necessidades em motivos. A necessidade é apenas uma tendência, contudo, ocorrendo seu encontro (ligação) com o objeto, a necessidade é objetivada, transformando-se em motivo da atividade. O motivo, nesse caso, tem por finalidade impulsionar as ações do indivíduo que se conectam entre si por um mesmo motivo, compondo, em seu conjunto articulado, a atividade do sujeito voltada à realização de seu motivo.

Nesse encontro com Leontiev (1978), podemos imaginar que essas mulheres, quando se conscientizam que suas ações, como a de investir em um curso superior, serão convertidas em consequências no seu mundo interior, revelam os seus próprios motivos

⁸ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>. Acesso em: 13 set. 2024.

como superação de força para se elevarem a outro patamar, superando, dessa maneira, todos os obstáculos exteriores. Nesse sentido,

Enquanto há uma vinculação, pelas sensações externas, entre os significados e a realidade do mundo objetivo, o sentido pessoal, por sua vez, vincula o significado com a realidade da própria vida do sujeito, ou seja, com os seus motivos. Sendo assim, o sentido pessoal é o elemento psicológico responsável pela parcialidade da consciência humana, muito mais íntimo e ligado às inclinações, tendências e manifestação do ser humano junto à realidade (Calve; Rossler; Silva, 2015, p. 240).

Assim, os motivos que essas mães encontram para superar o muro de palpitações são suas próprias necessidades de melhorar as condições em que se encontram e prover seus filhos com dignidade, com uma força feroz que muro algum é suficiente como obstáculo para alcançarem suas motivações principais. É a força para derrubar o muro, é a garra para não serem jogadas no chão, é uma força estranha de enxergarem além dos concretos moldados pela sociedade patriarcal.

A marca no corpo dessas Marias são seus filhos que, por existirem, mobilizam diversos julgamentos e tentativas de limitar seus direitos, como se a maternidade fosse um fator que as desqualificasse ou até mesmo um atestado de incompetência. Uma culpa que mina suas caminhadas com explosões de ódio, preconceito e exclusão. Barreiras invisíveis a olho nu, que só são vistas por quem vive na pele. Desse modo,

O grau mais elevado de hierarquização dos motivos se expressa quando o indivíduo pode comparar suas ações com o motivo-fim de sua atividade, ou seja, quando tem consciência do motivo que lhe orienta, motivo este eficaz e gerador de sentido pessoal, revelando uma forma mais autônoma e estável de agir sobre o mundo (Calve; Rossler; Silva, 2015, p. 246).

Esse agir intenso no mundo, que essas mulheres mães adquirem para se manterem nas universidades, vem ao encontro de uma resiliência marcante de fazer de situações desmotivadoras um sentido pessoal de força e persistência. Várias Marias foram além de uma superação no campo pessoal e criaram grupos e discussões para garantirem direitos e dignidade a outras mães que passam ou vieram a passar pela mesma situação.

Assim, pensando nessas lutas coletivas pelas quais as mulheres mães passam diariamente em busca de uma formação universitária, nossas discussões vêm ao encontro do pensamento de luta da autora Angela Davis⁹, que defende a liberdade feminina em todo o mundo:

A luta é inspirada pela solidariedade do coletivo e nos adverte sobre o cuidado que devemos ter para não buscar a “representação da história como o trabalho de indivíduos heroicos”, e sim o reconhecimento das pessoas como “parte de uma

⁹ Angela Davis é filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis. Integrou o Partido Comunista dos Estados Unidos, tendo sido candidata a vice-presidência da república em 1980 e 1984. Próxima ao grupo Panteras Negras, foi presa na década de 1970 e ficou mundialmente conhecida pela mobilização da campanha “Libertem Angela Davis”. Autora de vários livros, sua obra é marcada por um pensamento que visa romper com as assimetrias sociais.

comunidade de luta sempre em expansão”, crendo, pois, no coletivo como um “agente potencial” de mudança (Davis, 2018, p. 3).

Nesse contexto, as mães universitárias são incentivadas pelas lutas coletivas, visto que, na maioria das vezes, essas mulheres desconhecem seus direitos ou até se sentem intimidadas em reivindicá-los, assim, passam a se reconhecerem como parte de uma comunidade de luta. E, como Davis ressalta em seu livro “A liberdade é uma luta constante”¹⁰, pois são nas coletividades que encontramos provisões de esperança e de otimismo:

A luta é interminável eu diria que, à medida que amadurecem, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade. Como Nelson Mandela, devemos ter disposição para abraçar uma longa jornada rumo à liberdade (Davis, 2018, p. 27).

A luta por liberdade não se delimita nas prisões físicas, mas também nas lutas diárias que buscam romper barreiras impostas socialmente, que tentam limitar e aprisionar as mulheres e intimidar toda coragem e luta a fim de coibir a liberdade feminina.

A busca das Marias por seus direitos e permanência na universidade está sendo discutida neste trabalho com um potencial otimista, pois as narrativas de cada mãe deixam evidente a satisfação de contribuir com uma pesquisa que traga suas realidades em discussão.

O otimismo em lutar por uma causa de uma minoria, como das mães universitárias, releva significações de resistência ao procurar aliados de luta, em que o apoio mútuo pode se transformar em grupos e potencialidades de mudanças. Onde a necessidade e o otimismo se tornam percussores de resistência:

Não acho que tenhamos alternativa além de permanecer otimistas. O otimismo é uma necessidade absoluta, mesmo que seja apenas um otimismo da vontade, como disse Gramsci, e um pessimismo da razão. O que tem me mantido atuante é o desenvolvimento de novas formas de comunidade. Não sei se eu teria sobrevivido caso os movimentos não tivessem sobrevivido, caso as comunidades de resistência, as comunidades de luta não tivessem sobrevivido (Davis, 2018, p. 56).

Precisamos expandir os laços dessas reivindicações para além do público feminino, pois, para cada mulher mãe e universitária, existem figuras masculinas que presenciam essa luta: são pais, maridos, irmãos, professores, enfim, um amplo masculino que pode abraçar

¹⁰ O lançamento desta obra de Angela Davis no Brasil, “A liberdade é uma luta constante”, além de permitir ao público leitor acompanhar a saga dessa conhecida ativista contra as diversas formas de submissão humana, tem um significado especial em um momento crítico da sociedade brasileira. Vários grupos de movimentos sociais têm vivido certo sentimento de desesperança e impotência ao avaliar os resultados de lutas e demandas colocadas pela sociedade civil há anos. Constata-se uma ausência de ações coletivas que efetivamente embarguem as decisões tomadas no âmbito do poder político que, nos últimos anos, vêm afrontando o povo. A militância brasileira, tão ativa em diversos espaços de luta — das associações de moradores aos partidos políticos — tem assistido perplexa às perdas de várias conquistas no âmbito das políticas públicas, na área da educação, da cultura, da saúde e outras.

essa diligência. Nessa perspectiva, as pautas de reivindicações que atendam as demandas das mães universitárias necessitam de amplificação para além das mulheres mães:

Não falo apenas às mulheres na plateia, porque acho que o feminismo fornece orientação metodológica para todas as pessoas comprometidas com a pesquisa e o trabalho de mobilização ativista sério. As abordagens feministas nos encorajam a desenvolver compreensões sobre as relações sociais, cujas conexões costumam ser inicialmente apenas intuídas (Davis, 2018, p. 126).

O feminismo¹¹ incide em métodos de pensamento e de ação que nos encorajam a ter uma reflexão que une elementos que parecem ser separados e que desagrega coisas que parecem estar naturalmente unidas. Pensando nesse universo referente à maternidade, diversas situações da vida cotidiana da mulher mãe lhe agrega uma fragilidade preconceituosa e excludente que acaba se tornando comum socialmente.

O ideal de uma dedicação exclusiva à maternidade imposta culturalmente por uma sociedade machista tenta delimitar um espaço para as mulheres mãe, como se essa condição desqualificasse a capacidade intelectual da mulher. Assim esses discursos construídos e perpetuados socialmente tentam limitar o espaço a qual desejam estar:

Não existe nem mesmo uma tal situação “ser” mulher. Trata-se, ela própria, de uma categoria altamente complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis. A consciência de classe, de raça ou de gênero é uma conquista que nos foi imposta pela terrível experiência histórica das realidades sociais contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado (Tadeu, 2000, p. 48).

Portanto, nessa perspectiva, a luta feminina vem contra diversos discursos em relação à maternidade, oriundos de uma constante busca por um ideal feminino romantizado no qual a busca de crescimento profissional é incompatível com a figura imaginária criada socialmente para a mulher mãe.

MURO EM DESCONSTRUÇÃO

Após uma dedicação a temática sobre maternidade, compreendi o real sentindo do que vem a ser uma pesquisa. Descobri que uma temática que antes, a meu ver, só tinha relevância no âmbito pessoal, vai ao encontro de problemáticas sociais. Minha história de vida se cruza com as histórias de outras mulheres.

Quando iniciei minha pesquisa com mães universitárias, percebi que não estava sozinha em minhas dores e angústias. A cada relato, revivi momentos, regurgitei sentimentos e tive a oportunidade de entender cada situação, como uma telespectadora que conhece o

¹¹ Angela Davis (2018) defende um feminismo que envolve muito mais do que muito mais do que o gênero. De acordo com a autora, o feminismo deve envolver a consciência em relação ao capitalismo — quer dizer, o feminismo a que ela se associa. Há múltiplos feminismos que devem envolver uma consciência em relação ao capitalismo, ao racismo, ao colonialismo, às pós-colonialidades, às capacidades físicas, a mais gêneros do que jamais imaginamos, a mais sexualidades do que pensamos poder nomear.

outro lado. O lado real da dor, coragem e medo ao mesmo tempo, demonstrando como as problemáticas de nossas vidas cotidianas podem ser compartilhadas e servir de motivação e informação a mulheres que estão vivenciando, neste exato momento, esse processo.

O muro está diferente, sua estrutura está fragilizada. Se antes era rígido e impermeável, hoje está se transformando. Do outro lado, avista-se uma luz entre as brechas que foram se fazendo a cada voz, a cada desabafo, a cada resistência. A desconstrução do muro está em processo contínuo, na velocidade dos sonhos das Marias que remodelam sua estrutura.

Com a ousadia de pensar no coletivo e com o sonho de trazer reflexões e mudanças, bem como a criação de novas leis que amparem às mulheres mães nas universidades, esse trajeto está apenas se iniciando e, mesmo que tão pequeno em relação à imensidão do descaso, ousa a pensar na desconstrução desse muro e na conquista de direitos de diversas Marias que lutam por espaço e pela vida.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975.** Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044, de 1969, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1975. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6202.htm. Acesso em: 24 mar. 2022.

BRASIL. **Portaria nº 248, de 19 de dezembro de 2011.** Brasília: Capes, 2011.

CALVE, Tiago Morales; ROSSLER, João Henrique; SILVA, Graziela Lucchesi Rosa da. A aprendizagem escolar e o sentido pessoal na Psicologia de A. N. Leontiev. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 435–444, 2015. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193852>

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research.** Uberlândia: EDUFU, 2011.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Mulheres representam 60% dos bolsistas da CAPES.** Brasília: Capes, 2019. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/36-noticias/9375-mulheres-representam-60-dos-bolsistas-da-capes>. Acesso em: 16 ago. 2019.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora!: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 23, n. 1–2, p. 185–195, 1997. <https://doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

SCAVONE, Lucila. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n. 8, p. 47–59, 2001.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Las necesidades y los motivos de la actividad. *In: SMIRNOV, A. et al. Psicología.* México: Grijalbo, 1969. p. 341–354.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. *In*: VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich (Orgs.). **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998. p. 59–83.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

MILTON Nascimento. **Maria, Maria (Acústico)**. [S. l.]: Equipe Universal Music, 2018. 1 vídeo (5 min 48 seg). Publicado pelo canal Milton Nascimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1bBD4f3MTc>. Acesso em: 24 mar. 2022.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos *et al.* **Gravidez na Adolescência no Brasil: vozes de meninas e de especialistas**. Brasília: INDICA, 2017.

TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora Ltda., 2000.

Recebido em 21 de dezembro de 2023.
Aprovado em 7 de agosto de 2024.